

VISÃO DO CORREIO

Arquitetura de segurança internacional em xeque

A reunião extraordinária do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) realizada ontem, em Washington, cumpriu um rito diplomático necessário, mas carregou a melancolia das formalidades tardias. Enquanto embaixadores discorreram sobre a inviolabilidade das fronteiras, a defesa das soberanias nacionais e o apoio ao direito internacional, a realidade imposta pela operação militar dos Estados Unidos em solo venezuelano, deflagrada no último sábado, já se consolidou como fato consumado.

O descompasso entre o tempo da diplomacia e a velocidade da força bruta serve como um triste epitáfio para a ordem global desenhada no pós-Segunda Guerra. Não se trata, óbvio, de defender o regime de Caracas, cujo histórico de autoritarismo e violações de direitos humanos é amplamente documentado e condenável. Mas é pertinente questionar se segue existindo a arquitetura de segurança internacional erguida sob a promessa de que o diálogo, a moderação e a diplomacia prevaleceriam sobre a força.

A ação unilateral norte-americana — uma incursão cirúrgica para o sequestro de um chefe de Estado estrangeiro sem o aval do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — ignorou a soberania nacional, um princípio caro à tradição diplomática brasileira e latino-americana. Para a OEA, o episódio é particularmente desmoralizante. Criada para ser o fórum de diálogo hemisférico, a organização viu-se reduzida à irrelevância, incapaz de prevenir a escalada da crise ou de oferecer uma saída negociada que evitasse o desfecho militar.

A paralisia, claro, não é exclusiva do continente: reflete o colapso funcional da ONU e

de seu Conselho de Segurança, travados pelo poder de veto e transformados em palanques estereis, enquanto EUA, Rússia e China redesenham o mapa geopolítico com base em seus interesses imediatos de segurança e influência, um conceito que já se considerava ultrapassado desde o fim da Guerra Fria.

No discurso feito pelo representante brasileiro na comissão permanente da OEA, o Brasil condenou a violação da integridade territorial vizinha. “Não podemos aceitar o argumento de que os fins justificam os meios. Esse raciocínio carece de legitimidade e abre a possibilidade de conferir aos mais fortes o direito de definir o que é justo ou injusto, o que é certo ou errado, de ignorar as soberanias nacionais ditando as decisões que devem tomar os mais fracos”, afirmou o embaixador Benoni Belli, refletindo a postura coerente com a tradição do Itamaraty de defender a não intervenção e a autodeterminação dos povos.

Mas o que se assiste na OEA e na ONU é ao retorno perigoso das relações globais em sua forma mais crua, onde a lei internacional é um acessório retórico, descartável quando convém ao mais forte. Se as instituições criadas em 1945 e 1948 não conseguem mais mediar as tensões do século 21, o mundo caminha para uma instabilidade crônica e a substituição da cooperação internacional pela subordinação.

Cabe, portanto, a busca por uma reforma profunda dos organismos multilaterais. O episódio não deve ser tratado como um caso isolado, e, sim, como o sintoma agudo de um problema sistêmico. A reunião da OEA e sua baixa efetividade deveria ser menos um lamento e mais um alerta: ou o mundo reinventa e reforça o direito internacional, ou seremos jogados na lei da selva.



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

Te sacanearam. E agora?

A máxima popular costuma dizer que: não importa o que ocorra, o sol nascerá amanhã. A ideia de continuidade da vida mesmo com adversidades, contudo, nunca me pareceu tão inquestionável assim. Tecnicamente, muitas razões físicas e astronômicas poderiam impedir o sol de brilhar no horizonte amanhã. Por isso, uma outra ideia de certeza me parece bem mais apropriada e estatisticamente infalível: eventualmente, alguém vai te magoar.

Caso um dia o sol se apague e a humanidade consiga conquistar outra galáxia para prosperar entre as estrelas, ainda assim, em algum sistema solar distante, alguém ainda te fará algum mal. Por mais que você tente, que construa muros emocionais ou que se isole em torres de prudência, não dá para se proteger de todos a todo o tempo. A convivência humana é, por natureza, um campo minado de expectativas e frustrações. Eventualmente, alguns golpes irão “furar” a defesa.

Vivi algo assim no começo desta semana. Meio supersticioso, antes de sequer poder me zangar com o ofensor, já ponderei: “Será essa sacanagem um presságio do meu 2026?” Talvez. Não, na realidade, não tem nada a ver com o destino ou com o alinhamento dos astros. Tem a ver com a natureza do bicho homem.

As pessoas, em geral, pensam em si próprias antes de qualquer coisa — arrisco dizer que, muitas vezes, colocam o ego até à frente da própria família. É um modelo de sobrevivência, quase instintivo, herdado de tempos em que a escassez ditava as regras. Percebe-se uma oportunidade de ganhar, de brilhar ou de levar vantagem, e logo muitos já saem passando por cima de tudo e de todos. É a ética do “eu primeiro” que rege grande parte das relações modernas. Logo, não se abala tanto: se alguém te sacaneou, saiba que isso diz muito mais sobre o caráter do outro.

A “mágoa” e a “sacanagem” podem se manifestar de diversas formas, das mais sutis às mais devastadoras. Há a traição de confiança, a manipulação silenciosa, as mentiras que corroem a base de qualquer relação. No fim

das contas, o que resta não é o ato em si, mas como decidimos reagir a ele. Te sacanearam. E agora?

Primeiro de tudo: não tente ser forte. Dê-se um tempo para sofrer. Vivemos em uma era de “positividade tóxica”, onde o luto por uma decepção precisa ser superado em segundos para não atrapalhar a produtividade. Existe muito papo de que “homem não chora” ou que “mulher forte não se abala”. Cuidado com máximas que ignoram sentimentos; elas geralmente são atalhos para doenças psicossomáticas. Pode parecer estranho, mas uma saída eficaz para se libertar de uma mágoa é simplesmente vivê-la.

Outra coisa que ajuda é a comunicação, embora essa seja a parte mais difícil e, por vezes, a mais negligenciada. Deixe claro a quem te sacaneou que você não gostou da atitude. A grande verdade é que existe uma possibilidade considerável de as pessoas sequer notarem o rastro de destruição que deixam para trás. Vivem em bolhas de autoconfiança tão densas que não percebem como feriram o próximo. Por isso, use as palavras claramente, de forma incisiva e sem rodeios.

O terceiro passo é não se forçar a perdoar. Já tratei desse tema em outros momentos neste espaço, mas é fundamental reforçar: perdão não é algo que se arranca como uma erva daninha; é um processo que nasce da cicatrização. Se você não quiser perdoar uma sacanagem — mesmo que venha de alguém do seu círculo íntimo —, não perdoe. Não existe erro nisso. A obrigação social do perdão imediato é uma carga pesada demais para quem já está carregando o peso da decepção.

Por fim, lembre-se das voltas que o mundo dá. Pode parecer um pensamento amargo, mas, se hoje sentimos alguma mágoa, é provável que também tenhamos sido os autores de alguma sacanagem contra outrem em algum momento da estrada. Não existe ninguém perfeito, e todos nós, em algum capítulo da nossa história, fomos os vilões na narrativa de alguém.



Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Neocolonialismo

Não dá para negar que o governo de Maduro foi uma tragédia. Sua reeleição foi uma fraude. A ligação de Maduro com o narcotráfico é bem provável. Retirá-lo do poder pode significar um enorme bem para a Venezuela, mas trata-se de uma decisão que cabe aos venezuelanos, e não ao presidente dos Estados Unidos. Desde que, lamentavelmente, foi reeleito, Donald Trump pretende ser o imperador do mundo, com domínio pleno sobre todos os países do planeta, exceto China e Rússia até agora. Trump é um belicista indomável, arrogante, prepotente e mentiroso incorrigível. Os Estados Unidos já cometeram muitos erros, mas a reeleição de Trump equivale ao lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, matando quase meio milhão de japoneses. Ele se empenha fortemente para ressuscitar os terrores do passado e, pelo que se pode deduzir, pretende iniciar pela América do Sul a sua política neocolonialista. A região é de inegável importância para o mundo, mas desprovida de um arsenal letal para um enfrentar a insanidade trumpista.

» Paula Vicente
Lago Sul

Soberania?

Nos 25 anos de chavismo na Venezuela, o país viu um protetorado de Cuba, cujos agentes controlam e orientam a Força Armada Nacional Bolivariana e todos os órgãos de imigração, emissão de passaportes e repressão política, inclusive dirigindo as sessões de tortura no infernal Helicoide e nas unidades militares e compõem a guarda pessoal do ditador (os Vespas Negras). Nesse tempo, a produção de petróleo caiu 70%, e quase todo o produto é enviado para Cuba, onde sustenta o arcaico sistema energético da Ilha, que o recebe em troca de serviços médicos e cooperação técnica, e para a China e a Rússia. O chavismo levou a Venezuela à falta de energia elétrica, à falta de insumos nos hospitais e ao desastre econômico, a ponto de não pagar a dívida que tem com o Brasil. O país abriga tropas de mercenários russos e contingentes do Hezbollah. De que soberania se fala mesmo?

» Roberto Doglia Azambuja
Asa Sul

Colheita dos frutos

Lula, em campanha eleitoral para a reeleição em 2026, foi claro com seus ministros. Em síntese, mais ou menos assim: “está na hora de colher o que plantamos desde 2023, compete a cada um de vocês mostrar os frutos”. Creio ser desnecessário. Além do suntuoso turismo internacional, a cada 10 problemas jurídicos contra na Alta Corte, nove foram decididos favoráveis ao governo, enquanto para os adversários foi o oposto.

» Humberto Schuwartz Soares
Vila Velha (ES)

Sem retornos

O cidadão do DF, que paga a mais alta carga tributária do país, tem o pior sistema de iluminação pública do país. O Procon não funciona, a segurança pública é horrível, embora tenhamos os policiais mais bem pagos,

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Invasão à Venezuela: Lula, por precaução, melhor passar a dar expediente no cofre do Banco Central.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Fazer a “América Grande Novamente” (MAGA) com o território e a riqueza mineral dos outros é refresco! Tenha dó, senhor Trump!

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Quase todo mundo concorda que não foi o melhor método usado pelos EUA. Mas alguém tinha que fazer alguma coisa pelo povo venezuelano. Por que a ONU não fez o que acha que pode fazer?

Manoel Bezerra — Monsenhor Hipólito (PI)

É estranha a dificuldade de utilizar cédulas de reais na cidade. O transporte público não aceita, o comércio não tem troco. Parece que é moeda estrangeira.

Marcos Figueira — Sudoeste

Ontem, cheguei ao metrô às 8h, na estação de Águas Claras. Na da Feira, às 9h. Eu ia para a Central, mas desisti. O metrô ficou parado 15 minutos em cada estação. É um absurdo, um descaso total! Só começar a chover que a eficiência diminui!

Clarissa Adamatti — Brasília

Mais de 9 mil multas por dia no DF. Só de pensar que já fomos exemplo nacional com a campanha Paz no Trânsito, bate uma tristeza. Punição é importante, mas precisamos também voltar a investir em educação, sobretudo dos condutores mais jovens, aqueles que não pegaram os tempos de paz!

Marlon Barros — Cruzeiro

a Novacap é uma empresa que não atua na ponta, mas conta com milhares de funcionários e cargos de confiança, como também o SLU. Contratam terceirizadas e não cobram e fiscalizam o serviço, indicativo de, no mínimo, extrema incompetência. Essa máquina pública pesada, onerosa, com milhares de cargos e abrigo de políticos não eleitos e de cabos eleitorais presta o pior serviço possível à população, que, além de arcar com seu sustento, não consegue resolver nada, pois a Ouvidoria do GDF não funciona.

» Erica Maria H. Silva
Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br